



O SENTIDO DO SÍNODO

“Igreja e sínodo são sinônimos”, declarou o Papa Francisco, no seu discurso na *Comemoração do 50º aniversário da Instituição do Sínodo dos bispos, em 17 outubro 2015*. E explicou: “A Igreja outra coisa não é que o “caminhar juntos” do rebanho de Deus nas estradas da história ao encontro de Cristo Senhor”. Por isto uma Igreja que demonstra uma “escassa” sinodalidade é também uma Igreja pouco “eclesial”!

Estas são palavras decisivas, que nos “con-vocam” (isto é, nos “chamam juntos”, e não um por um!) para acolher e fazer frutificar o “dom pascal” da unidade, colaborando assim à edificação crescente do Reino de Deus, que é “reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz” (como rezamos no prefácio da liturgia de Cristo Rei do universo).

1. “Caminho” juntos

Como se sabe, o termo “Sínodo” é de origem grega (*syn-ódos*): *ódos* significa “caminho”; *syn* é uma partícula que quer dizer “com”, “juntos”. Entender bem estes dois componentes do termo é fundamental para colhermos o seu sentido.

O termo *caminho* delinea a dimensão do *processo* no horizonte teológico: traça um itinerário evangélico que se desenvolve no curso do tempo e conhecerá a sua realização na eternidade, nos “novos céus e na nova terra” (2Pd 3, 13). O Papa Francisco na sua exortação apostólica *Evangelii gaudium* assim se expressa: “Este princípio permite trabalhar em logo tempo, sem a pressão de obter resultados imediatos. Ajuda a suportar com paciência as situações difíceis e contrárias, ou as mudanças dos planos que o dinamismo da realidade impõe” (n. 223).

A sinodalidade, portanto, não deve ser interpretada mecanicamente: não existem regras que, aplicadas, produzam de modo imediato, seguro e irreversível, os efeitos desejados. É um processo no qual aparecem sucessos e fracassos; conquistas e derrotas. O Papa Francisco precisa: “É um convite para assumir a tensão entre plenitude e limite [...]. Sem ansiedade, porém com convicções claras e tenazes” (*ibid.*).

Se quisermos “fazer sinodalidade” é preciso partirmos com a certeza de que Deus age na nossa história, mas nos pede para adaptar-nos às linhas traçadas pelo Espírito em nosso caminho, que nem sempre são “linhas retas”: muitas vezes, de fato, se revelam itinerários que pedem para fazer “curvas” ou para passar através de “túneis”. Isto comporta a sabedoria de não imobilizar ou engessar as nossas programações, mas saber torná-las flexíveis.

2. Caminho “juntos”

O *segundo componente do termo syn-ódos*. O *syn* (“com”) é uma partícula muito importante do ponto de vista bíblico e teológico. Não deve ser entendido em *sentido geográfico* como “lugar comum”. Podemos estar um “ao lado” do outro e não estar “com” o outro. A contingência espacial não leva automaticamente à pertença recíproca; antes, pode manifestar uma estraneidade evidente, como quando as pessoas estão apertadas dentro de um ônibus, sem reconhecer-se como comunidade de partícipes.

O *syn* – no seu valor evangélico – não pode ser reduzido somente à sua *dimensão psicológica*. Podemos, de fato, adquirir um bom entendimento no plano afetivo e relacional, sem amadurecer a capacidade de encontro no plano teológico (isto é, nos relacionamentos animados pela fé, pela caridade e pela esperança).

E não basta considerar o *syn* cristão nem mesmo só na sua *dimensão sociológica*, pois podemos construir grupos bem equipados nos aspectos interativos e dotados de eficientes habilidades cooperadoras, que porém, não servem nas praias da experiência comunitária.

Consequentemente, o “*syn*” cristão – *para ser compreendido corretamente – deve ser pensado nas dimensões trinitária, cristológica, epiclética, eclesiológica, mariana e antropológico-social.*

Digo apenas algumas indicações telegráficas sobre estas múltiplas e interligadas “dimensões” do estilo sinodal ao qual é chamada a Igreja.

3. A dimensão trinitária

Toda autêntica comunhão cristã, não somente é “reflexo” da vida trinitária, mas é também verdadeira “participação” (cf. 2Pd 1, 3) da vida trinitária. Entrevemos este mistério em João 17, 21 quando Jesus reza: “que todos sejam uma só coisa; *como* tu, Pai, estás em mim e eu em ti, estejam também eles *em* nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”.

A comunhão cristã não se limita a referir-se à imagem trinitária, procurando repropo-la para imitação; não se trata apenas de uma imagem refletida, mas somente humana. A comunhão brota da *imersão* no dinamismo trinitário: comporta, portanto, o tornar-se participantes – por graça – da Família Trinitária. Somos, pois, introduzidos na unidade com o Pai, tornando-nos filhos no Filho, pelo dom do Espírito. Eis porque “toda identidade cristã tem a sua fonte na Santíssima Trindade, que se revela e se auto-comunica aos homens em Cristo” (S. João Paulo II, *Pastores dabo vobis*, n. 12). Daí se conclui que a comunhão sinodal é destinada a construir e viver relacionamentos “trinitários”.

A teologia clássica ensina que a relação trinitária é caracterizada por este *ser para*. Portanto, se ativa o relacionamento trinitário quando existe o total e recíproco doar-se e acolher-se “no” Filho e “como” filhos, em relacionamento ao Pai, por meio do Espírito. Se intui, então, a grandeza teológica e pastoral deste evento: *para “sinodalizar-se” é preciso “trinitizar-se”*. Somente assim, plenamente imbuídos de relacionamentos trinitários, seremos Igreja sinodal. Caso contrário, produziremos somente enunciados teóricos que, mesmo se afirmações santas, não serão eficazes, pois não sendo acompanhadas por experiências visíveis e palpáveis de comunhão, inflacionam o discurso e o tornam pouco simpático, correndo o risco de tudo se tornar somente um mero evento social.

4. A dimensão cristológica

A sinodalidade tem sempre também uma fisionomia “teândrica”, isto é, “divino-humana”, segundo o axioma cristológico fundamental que tem uma consequência existencial muito concreta. De fato, *é cristão o que liga o divino e o humano, porque o Verbo se fez carne* (Jo 1, 14). Em Jesus o divino habita o humano e o humano se torna “porta” que introduz ao divino.

Ai de nós, portanto, se os nossos esforços para criar sinodalidade ficam limitados à dimensão humana sem estar imersos na dimensão divina ou se apontam ao divino sem considerar o humano. E nesta situação, infelizmente, é fácil cair, porque se podem adotar “técnicas interativas” (de encontro, de análise, de diálogo) que não são verdadeiramente “sinodais”, porque não habitadas pelo Espírito Santo, mesmo se humanamente atraentes e, no plano sociológico, eficazes.

A dimensão cristológica, além do mais, tem sempre um “timbre pascal”: não podemos pensar em fazer sinodalidade sem entrar no mistério da cruz, que nos conduz à ressurreição. Se falta o “sinal da cruz” sobre o que procuramos fazer em nome de Jesus, é um forte indício que Deus não está assinando as “páginas” que escrevemos. Porque a cruz gloriosa é a “assinatura” de Deus que, através deste “atestado”, reconhece a nossa iniciativa como *sua*. Não podemos, portanto, pensar em “fazer sinodalidade” somente recorrendo à instrumentos humanos ou de baixo custo, sem passar através da Páscoa. Devemos lembrar sempre que os “tempos” pascais são bem variados, porque o Espírito Santo se serve também dos nossos limites, das diferenças e dos defeitos: porém, se a graça age, a cruz se muda em abertura para a ressurreição, que gera comunhão.

5. A dimensão epiclética

Na realidade, é o Espírito Santo (Comunhão do Pai e do Filho) que nos torna “sinodais”. Escreve o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*: “No Pentecostes, o Espírito fez os apóstolos saírem de si mesmos” (n. 259). Portanto, para “fazer sínodo” *ocorre fazer “êxodo” do próprio perímetro individualista*. Muitas declarações de sinodalidade se mostram estereis ou fracassadas porque as pessoas se relacionam entre elas permanecendo fechadas nos próprios “cascos” cognoscitivos,

emotivos e relacionais. As individualidades “impermeáveis” à lógica evangélica são semelhantes a um conjunto de argolas fechadas, colocadas uma ao lado das outras, sem, porém, “fazerem uma corrente”. De fato, para constituir uma corrente é preciso pegar um elo, quebra-lo em um ponto, e liga-lo com o outro, incluindo-o. Conseqüentemente, se se permanece na atitude de singularidade que se “auto-possui”, e se não se tem a coragem de ultrapassar o umbral do próprio “eu”, sabendo renunciar a algum “pedaço” de si, não se faz sínodo.

É este, me parece, o motivo pelo qual muitas experiências, nascidas no clima de entusiasmo participativo, se revelaram depois áridas e ineficazes. Me ocorre aqui o fato de muitos organismos de comunhão em nossas paróquias e Arquidiocese (por exemplo o Conselho Pastoral Paroquial, o Conselho dos Assuntos Econômicos, etc.), reconhecidos como instrumentos de envolvimento do povo de Deus, destinados a criar pontos de convergência alargada. Me pergunto: por que muitos destes Conselhos muito pouco funcionam ou até se esvaziaram completamente? Uma possível resposta é que não basta apenas institucionalizar tais organismos, mas é preciso formar pessoas idôneas para atuá-las. Não é difícil, de fato, prever que se personalidades auto-referenciais (porque doentes de protagonismo) entram num processo sinodal, elas se movem de modo descoordenado e discrepante, causando contraposições ou indiferença; de fato, só tendo uma “mentalidade-Igreja”, porque somente quem “é-Igreja”, se “faz-Igreja”.

O Espírito Santo quando desce sobre os Apóstolos, lemos na *Evangelii gaudium*, e “os transforma em administradores das grandezas de Deus, que cada um começa a compreender na própria língua” (*ibid.*). Onde existe sinodalidade existe capacidade de entender-se. Obviamente, para compreender o outro, é preciso ter compreendido antes a si mesmo e fazer o esforço de fazer-se compreender: *entender, entender-se e fazer-se entender* constituem dinamismos comunicativos reciprocamente ligados e por nada dados como certos. Pode acontecer que alguém procure comunicar um seu pensamento e o outro o interprete mal, não respeitando a intenção de quem falou, comprimindo a mensagem dentro dos próprios esquemas cognoscitivos. Neste caso a comunicação resulta alterada, porque perturbada por um “rumor psicológico” que não a torna adequadamente compreensível.

Por isso, em seguida, o Papa acrescenta: o Espírito “infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com audácia [...] não somente com as palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (*ibid.*). Eis, portanto: “audácia” e “vida transfigurada pela presença de Deus”, são notas fundamentais para edificar a unidade evangélica. Portanto, antes de aventurar-se na travessia – não sempre tranquila – da sinodalidade, é preciso destinar “lugares” nos quais *cada um se prepara para praticar a arte da comunhão*; em modo análogo ao que acontece num canteiro náutico, onde, antes de lançar uma nave, se verifica se está tudo em condições de navegar, pois caso contrário o naufrágio, que aconteceria com a embarcação, é já diagnosticável antes mesmo que entre na água. Por isso, todos os “ambientes” onde se treina a sinodalidade, são abençoados e preciosos para o bom resultado do projeto.

6. Dimensão eclesiológica

A Igreja é “reflexo no tempo da eterna e inefável comunhão do amor de Deus Uno e Trino” (S. João Paulo II, *Christifideles laici*, n. 31). Segundo a feliz expressão de Orígenes a Igreja é “plena de Trindade” (Orígenes, *Selecta in Psalmos*, 23), ícone viva da unidade que liga o Pai e o Filho no Espírito Santo. Esta, portanto, é constitutivamente “mistério de comunhão trinitária em tensão missionária” (S. João Paulo II, *Pastores dabo vobis*, n. 12). Assim escreveu João Paulo II, na encíclica *Ut unum sint*: “Deus quer a Igreja porque ele quer a unidade e na unidade se exprime toda a profundidade do seu ágape” (n.9) e formula três equações de base: “Crer em Cristo significa querer a unidade; querer a unidade significa querer a Igreja; querer a Igreja significa querer a comunhão da graça que corresponde ao desígnio do Pai desde toda a eternidade” (*ibid.*).

A Igreja é o sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, conforme lemos em LG 1. A Igreja tem uma fisionomia e uma missão que a tornam “sacramento da Trindade”. É nesta linha que S. João Paulo II, na *Novo millennio ineunte* afirmou com autoridade: “Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão, eis o grande desafio” (n. 43). Portanto: “não tenhamos ilusões: sem este caminho espiritual, a bem pouco serviriam os instrumentos exteriores da comunhão. Tornar-se-iam aparatos sem alma, máscaras de comunhão mais que seus caminhos de expressão de crescimento” (*ibid.*).

O que nos pede, portanto, o Espírito, através da Igreja, hoje? Que “vivamos” e “irradiemos” comunhão! *Este é o ponto de gravitação e de expansão de toda verdadeira pastoral e também da sinodalidade!*

7. Dimensão mariana

A sinodalidade não pode não referir-se a Maria. Comenta o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*: “Com o Espírito Santo, em meio ao povo está sempre Maria” (n. 284). “Ela”, evidencia o Papa, “reunia os discípulos para invocá-lo, e assim tornou possível a explosão missionária que aconteceu no Pentecostes” (*ibid.*). Entre os discípulos estavam os apóstolos: portanto, ela, mãe do Crucificado-Ressuscitado, os recolhia como “família” dos crentes e assim pôs as condições para a efusão do Espírito. Portanto, o evento de Pentecostes existe também graças a Maria! Por isto: “Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e sem ela não podemos compreender plenamente o espírito da nova evangelização” (*ibid.*).

Se é verdade que a “sinodalidade” vai sempre junto com a “dimensão trinitária”, é igualmente verdade, portanto, que é preciso também compreendê-la em “chave mariana”.

Continua o Papa Francisco: “Ela é a Mulher de fé, que caminha na história” e também está presente nas “fases de aridez”, nas “noites da fé”, mas “se deixa conduzir pelo Espírito”, [...] rumo a um destino de serviço e de fecundidade” (n. 287). Se aconteceu com ela de passar através dos desertos da alma, acontecerá também a nós. O caminho da “comunionalidade” não é um caminho sempre luminoso, tem também as suas sombras e as suas obscuridades, mas – se se permanece fiéis ao Senhor – chega-se a uma luz infinitamente maior em relação àquela que poderíamos acender nós somente com as nossas forças. Aparece, de consequência, lógica a conclusão do Papa Francisco: “Existe um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja” (n. 288). Sobre esta indicação devemos muito refletir e muito mais ainda realizar!

8. Traços fundamentais de um estilo sinodal

Alguém poderia perguntar: que atitudes decorrem destas dimensões sinodais?

O Papa Francisco em muitas ocasiões nos convida a um “estilo sinodal”. A Comissão teológica internacional no seu documento intitulado *Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, individuou os seguintes traços:

– **Escuta:** No seu discurso na *Comemoração do 50º aniversário da Instituição do Sínodo dos bispos, em 17 outubro 2015*, Papa Francisco afirmou: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta recíproca na qual cada um tem alguma coisa a aprender (conscientes de que escutar é mais que apenas ouvir). É uma escuta recíproca na qual cada um tem alguma coisa a aprender: “Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um na escuta dos outros; e todos na escuta do Espírito Santo, o “Espírito da Verdade” (Jo 14,17), para conhecer o que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7)”.

– **Processos de discernimento comunitário:** O Papa Francisco insiste que a renovação da Igreja exige que se iniciem processos de consulta a todo o Povo de Deus. Estes processos de discernimento são ligados às autênticas manifestações do *sensus fidei* e do *sensus fidelium*.

– **Participação e corresponsabilidade:** Consequência da atenção à escuta e ao discernimento comunitário como elementos essenciais de um estilo sinodal de Igreja, temos a eclesiologia do Povo de Deus do Concílio Vaticano II que coloca em relevo a comum dignidade de todos os batizados no exercício da variedade e da riqueza ordenada de seus carismas, de suas vocações e seus ministérios. Todos os batizados participam do sacerdócio de Cristo e exercem, cada um segundo seu modo próprio, os três múnus de Cristo profeta, sacerdote e rei. Todos somos chamados a participar ativamente da missão da Igreja, na potência do Espírito Santo. A Igreja é convocada a realizar a passagem pascal do “eu” individualisticamente entendido ao “nós” eclesial, onde cada eu, sendo revestido de Cristo vive e caminha com os irmãos e irmãs como sujeito responsável e ativo na única missão do povo de Deus.

– **Carismas:** “A Igreja é chamada a ativar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes na sua vida para discernir os caminhos da evangelização em escuta da voz do Espírito. Hoje se fala de “co-essencialidade” entre dons hierárquicos e carismáticos na Igreja (n. 74).

– **Relacionamentos e diálogo:** Sintetizando os elementos de um estilo sinodal da Igreja, podemos acrescentar a estes traços já citados: relacionamentos, encontro e diálogo. O documento final do Sínodo sobre os jovens afirma: “é nos relacionamentos – com Cristo, com os outros, na comunidade – que a fé é transmitida. Esta dinâmica dos relacionamentos, encontro e diálogo é o caminho da Igreja hoje. E o Papa Francisco lembra que a dimensão “intergeracional” é um elemento irrenunciável desta dinâmica. Jovens e adultos precisam sentir-se uns parte dos outros, para compartilhar, aprender e inspirar-se mutuamente.

9. Necessidade de uma cultura e de laboratórios de comunhão

Uma última anotação que deriva das premissas acima expostas: para “fazer sinodalidade” “ocorre promover uma verdadeira cultura de comunhão”. A cultura de comunhão, fundada sobre o espírito de comunhão, produz uma mentalidade nova do viver eclesial que valoriza os esforços de todos”.

Uma tal cultura não se improvisa: exige *“laboratórios” nos quais a atitude de pensar e de agir segundo um código comunitário é formulada, praticada e transmitida.* Observe-se que uma mentalidade – como esta na qual estamos imersos – marcada por improntas fortemente narcisistas, certamente não ajuda a plasmar personalidades dispostas à comunhão, justamente porque as torna auto-centradas. Por isso, permanecendo coerentes ao discurso teândrico (“humano-divino”), é preciso deixar-se plasmar pelo Espírito, para que a nossa humanidade, com progressiva plenitude, seja “sacramentalmente” acolhedora e dócil à ação da graça.

Falamos de sinodalidade e não prestamos atenção para atuar estes cenários, nos condenamos a produzir discursos bonitos, que não mudam, porém, a história; e arriscamos, com o passar do tempo, de sermos rejeitados pela sua improdutividade.

Neste dia em que nos lançamos rumo ao Primeiro Sínodo Arquidiocesano somos todos convocados a sermos construtores da Igreja comunhão, isto é, a caminhar juntos.